

pretende disputar sucessão de Leite

Perfil



FOTOS: EVANDRO OLIVEIRA/JC

Paula Mascarenhas tem 55 anos e é natural de Pelotas. Foi a sucessora do governador Eduardo Leite (então PSDB) na prefeitura do município na Metade Sul. Lá, ela governou a cidade por dois mandatos (2017-2024), tornando-se a primeira mulher no cargo. Também atuou como vice-prefeita de Pelotas, durante a gestão de Eduardo Leite (2013-2016). Possui formação acadêmica em Letras, com mestrado e doutorado pela Universidade Federal

do Rio Grande do Sul. É professora de Língua e Literatura Francesa da Universidade Federal de Pelotas. Atualmente, atua como presidente estadual do PSDB no Rio Grande do Sul, vice-presidente da executiva nacional do partido e secretária de Relações Institucionais do governo gaúcho, cargo que assumiu em 2025, logo após deixar a gestão da prefeitura de Pelotas. Ela encerra a gestão na presidência estadual do PSDB em 31 de outubro.

que se lembrar do seguinte, a CEEE e Corsan não estão mais aí para serem privatizadas. De onde o Estado vai tirar recursos para cobrir outro rombo no Caixa Único? Então, essa é uma conquista que precisa ser mantida.

JC - A secretária estadual da Fazenda, Pricilla Santana, tem mencionado que o RS precisa de crescimento econômico. Com os desafios fiscais que a senhora mencionou, como fica a questão dos investimentos no Estado?

Paula - Uma das alternativas é o Funrigs, que viabilizou investimentos não só na reconstrução do Estado, mas também na resiliência e na preparação para o RS prevenir os efeitos nefastos das mudanças climáticas. Isso é colocar o Estado em uma vanguarda de enfrentamento a essas mudanças climáticas, que vai trazer também benefícios econômicos indiretos. Outra é a segurança pública. O fato de termos um Estado que avança em segurança pública, que criou condições de uma vida mais pacífica, que reduziu índices criminais, isso é um diferencial na competitividade. Também tenho muita

expectativa com o futuro da educação no Estado. É um estado que já forma mão de obra qualificada, mas que está investindo na educação básica de forma muito diferenciada. Periodicamente, o governador se reúne com a equipe da Secretaria da Educação, os coordenadores regionais de educação e alguns diretores de escolas para compartilhar boas práticas. Acompanhamos alguns indicadores, como frequência e desempenho, para monitorar as áreas com maiores dificuldades. Não tenho dúvida que isso, somado às melhorias na infraestrutura das escolas, uniforme, estímulo às equipes escolares para o alcance de metas, tudo isso vai trazer um diferencial ao Estado. E, finalmente, tem a questão dos blocos de concessão da malha rodoviária do Estado. Sei que o pessoal resiste ao pedágio, mas esses blocos de concessão são fundamentais para o nosso futuro. O Estado não vai ter dinheiro para fazer essas obras. Estamos usando o Funrigs para fazer obras em áreas atingidas pela enchente, o que deve reduzir o valor do pedágio (nas estradas geridas por

concessionárias). E essas empresas (concessionárias de rodovias) vão fazer investimentos bilionários nos próximos anos, o que vai nos colocar num outro patamar.

JC - O que vislumbra para o seu próprio horizonte político?

Paula - Fui lançada como pré-candidata pelo PSDB. Essa pré-candidatura, que me honra muito, se insere em um cenário de governo do PSDB e outros partidos no RS. O governador era do PSDB quando se elegeu e reelegeu. Trabalhamos para construir o plano de governo, eleger o governador e executar o plano de governo junto com outros partidos. Minha pré-candidatura se insere neste contexto de apoio a esta gestão e de trabalho pela sua sucessão.

JC - Outros partidos, como o MDB e o PP, também lançaram pré-candidatos para a sucessão...

Paula - Entendemos que alguns partidos também lançaram pré-candidaturas, que eu respeito profundamente. Inclusive, acho natural que os partidos deem visibilidade para as suas lideranças a um ano das eleições. Agora o caminho natural

é fortalecer esse grupo (de partidos que apoiam o governo Leite) até chegarmos a um consenso sobre quem serão os candidatos que vão representar esse projeto que enfrentou dificuldades extremas na situação fiscal do Estado, dificuldades políticas para construir uma maioria na Assembleia Legislativa, para a implementação das reformas mais profundas do Brasil. Além disso, essa gestão enfrentou momentos históricos como a pandemia de Covid-19 e a enchente.

JC - Os partidos que ajudaram a construir o governo Leite devem escolher um candidato em conjunto...

Paula - Os partidos precisam ter maturidade, responsabilidade e diálogo para definir quem será o candidato desse projeto. Essa escolha deve ser baseada em quem tem mais capilaridade, mais possibilidade de vencer a eleição, mas também mais capacidade de juntar o grupo e liderar o processo depois da eleição. É importante fazer pesquisas quantitativas e qualitativas, para entender isso. Mas isso é um processo. Fico feliz de ver que o governador também pensa assim. Ele reuniu os partidos da base. Eu não estava aqui, mas a Paula Ioris (PSDB), vice-prefeita de Caxias do Sul, me representou. Ela levou essa visão, e é a visão que o governador colocou a todos ali. Foi um movimento muito importante de parte do governador para fortalecer esse grupo, respeitar as peculiaridades de cada partido, mas entender que somos um time que tem uma responsabilidade com o Estado.

JC - Alguém terá de abrir mão em algum momento...

Paula - Mais do que uma pessoa.

JC - A senhora estaria disposta a ser uma dessas pessoas? Estaria disposta a abrir mão da cabeça de chapa pelo projeto?

Paula - Se eu disser que estou disposta a abrir mão, pode parecer que a Paula está apenas figurando. A questão é que a gente precisa de um grupo de partidos para governar o RS e para ganhar a eleição. Até porque vai ser mais uma eleição muito polarizada.

JC - E agora com oposição de esquerda e direita...

Paula - Exatamente. Então, a gente precisa ter a responsabilidade de entender que, sozinhos, não temos nenhuma chance. E isso pressupõe recuar (de uma pré-candidatura, eventualmente). Agora, não entro com esse espírito, o PSDB não vai entrar com esse espírito de recuar. É ruim falar sobre mim mesmo,

mas temos um nome com capacidade, que está participando do governo, que já teve experiências de gestão em uma cidade desafiadora como Pelotas.

JC - O governador Leite saiu do PSDB e, há poucos meses, vários prefeitos o seguiram ao seu novo partido, o PSD. O que está acontecendo com o PSDB?

Paula - O PSDB vem sendo uma vítima da polarização no Brasil, e da sua própria coerência também. O PSDB é um partido do centro democrático. O Brasil viveu pelos polos, de direita e esquerda. O PSDB pagou o preço de não se entregar para nenhum dos polos. Então, é um partido de centro democrático que não participou do governo (do ex-presidente Jair) Bolsonaro (PL), que não participa do governo (do presidente Luiz Inácio) Lula (da Silva, PT). A não ocupação de espaços de poder acaba enfraquecendo as lideranças e o partido. Também não tivemos candidato a presidente na última eleição, o que foi muito negativo para o PSDB a nível nacional. Então, o PSDB perdeu força. Foi o maior partido do Congresso, hoje é um partido menor.

JC - E a saída do governador e dos prefeitos...

Paula - Respeito muito o governador. Certamente, não foi fácil para ele tomar a decisão de sair do partido. Mas tomou a decisão buscando alternativas para um projeto maior. Um projeto que não é pessoal, é um projeto para o desenvolvimento da nação. Claro que isso foi um baque muito grande para nós, aqui no RS. Perder uma liderança da qualidade do Eduardo é algo que impacta. A possibilidade de deputados acompanharem o governador e a saída de prefeitos também impactam. Agora o grande desafio para o PSDB é como lidar com isso.

JC - E como a sigla deve agir?

Paula - A saída do governador não muda o fato de que este governo representa a agenda que construímos e acreditamos. Meu mandato como presidente termina dia 31 de outubro. Todos os mandatos estaduais terminam nessa data no Brasil, e a executiva nacional decidiu instalar comissões provisórias. Então, não vai haver convenção. Um novo presidente vai assumir com a sua visão particular, que eu não sei qual será e quem será. O futuro do PSDB no Estado vai depender se o partido vai manter sua agenda, seus compromissos históricos. Ou se vai querer se tornar algo que não é, algo que nunca foi. Então, espero com toda a força que o PSDB se mantenha coerente.